



RELEVÂNCIA ECONÔMICA DO AGRONEGÓCIO EM RELAÇÃO A OUTROS SETORES ECONÔMICOS NO BRASIL

Liziane Fátima Prichoa De Marchi, Mestre em Planejamento e Desenvolvimento Regional, UnitaU
Moacir José Dos Santos, Doutor em História, UnitaU
Edson Trajano Vieira, Doutor em História, UnitaU

Resumo

O agronegócio brasileiro tem alcançado altos níveis de produtividade, o que proporciona ao Brasil um destaque mundial como produtor de alimentos e contribui significativamente para o seu desenvolvimento econômico. Dessa forma, este estudo teve como objetivo analisar o impacto do agronegócio brasileiro em outros setores da econômica. A pesquisa apresentada é de natureza exploratória quanto aos meios, podendo ser classificada como bibliográfica quanto aos fins. O presente tema foi escolhido devido ao impacto do agronegócio na economia brasileira, principalmente ao período crítico de pandemia e à grande relevância para o estudo sobre desenvolvimento. A agricultura é responsável pelo plantio e cultivo de grãos e cereais, atualmente, o avanço tecnológico do Brasil possibilita a alta capacidade produtiva, que resulta em produtos de qualidade e em quantidade suficiente para atender a demanda de abastecer tanto o mercado interno quanto o mercado externo. Por estes motivos, conclui-se que o agronegócio brasileiro contribui para a oferta de emprego tanto dentro como fora das propriedades rurais, no alto potencial de participação no PIB (Produto Interno Bruto), no favorecimento positivo na balança comercial brasileira e na contribuição para o crescimento econômico do país, evidenciando ter uma significativa participação na economia. Pode-se concluir também que na agricultura, a queda do PIB dentro da porteira, no primeiro trimestre de 2022 ocorreu devido ao forte aumento do custo de fertilizantes, pesticidas, combustível, sementes, etc. E, que a queda não mais significativa pelo aumento do faturamento agrícola no ano.

Palavras-chave: Agronegócio. Economia brasileira. Desenvolvimento econômico.

Introdução

Agronegócio é o conjunto de todas as atividades relacionadas à produção, beneficiamento, armazenamento, distribuição e comercialização de insumos e produtos agrícolas e agroflorestais, ou seja, ao beneficiamento, distribuição e consumo de produtos “in natura” ou industrializados (CASTRO, 2000; BATALHA, 2001). Segundo Araújo (2007), essa complexa estrutura é um dos segmentos econômicos mais valiosos do mundo e com potencial de crescimento, embora sua importância varie de país para país.

No Brasil, o agronegócio ocupa posição de destaque no cenário econômico, devido ao bom desempenho da produção, à elevada participação no Produto Interno Bruto (PIB), ao aumento da produtividade e à capacidade de geração de emprego e renda. Segundo Gilio e Rennó (2018), esse bom desempenho do agronegócio tem se mantido estável nas últimas décadas, apesar da grave crise política e econômica que vem afetando o crescimento e o



desenvolvimento do país desde 2014.

Além da crise política e crise econômica, o setor ainda enfrentou uma série de problemas causados por múltiplos fatores durante este período. Em 2016, fatores climáticos impactaram a produtividade e a oferta. Cury e Laporta (2016) destacam que após um ano de crescimento em 2015, o agronegócio experimentou um declínio na produção de culturas como milho, algodão, laranja e cana-de-açúcar em 2016 em decorrência da seca (por exemplo) ou do excesso de chuvas (ex.: cana-de-açúcar) nas áreas de cultivo.

Em 2017 e 2018, o agronegócio brasileiro foi diretamente afetado por três eventos. Foram elas: Operação Carne Fraca, greve de caminhoneiros e Operação Trapaça.

A Operação Carne Fraca foi lançada em março de 2017 pela Polícia Federal (PF) com o objetivo de combater o programa de concessão de licenças para frigoríficos de operação irregular, que foram adquiridos com a ajuda de funcionários públicos do Ministério da Agricultura. A operação detectou que foi adulterado diferentes tipos de alimentos, procedimentos irregulares em licenças sanitárias, uso de aditivos proibidos e usados fora dos limites permitidos, poluição, produtos vencidos fixados por alteração de rótulos, etc. Segundo Bernardes (2018), o resultado da operação teve grande repercussão na mídia internacional e levou à suspensão total (União Europeia) ou parcial das importações de carne brasileira por mais de 40 países, independentemente da empresa produtora. Isso levou a uma queda nos embarques, resultando em perdas de US\$ 2,74 bilhões em 2017.

A greve dos caminhoneiros iniciada em 21 de maio de 2018 em decorrência da crise do preço do diesel durou dez dias e paralisou o país, que tem grande impacto na agroindústria. A greve provocou uma quebra na produção com efeitos em cadeia, nomeadamente na produção de hortofrutícolas, suínos, laticínios, abastecimento de ração animal e produção avícola (ocorreram mortes de animais, o que agravou a crise), resultando em grandes perdas.

A Operação Trapaça, lançada pela PF em outubro de 2018 como o desdobramento (terceira fase) da Operação Carne Fraca, apontou fraude em análises laboratoriais emitidas por empresas privadas (credenciadas à Secretaria de Defesa Agropecuária (SDA)). Esses relatórios preservavam a certificação sanitária das empresas e serviam para dar credibilidade ao controle de qualidade e certificação de produtos fraudulentos que eram colocados no mercado. Mais uma vez, os países importadores de carne brasileira responderam exigindo esclarecimentos do Brasil, mas com um embargo comercial mais leve. Segundo Bernardes (2018), como resultado direto da Operação Trapaça, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) fechou os cinco laboratórios que fraudaram as amostras e suspendeu as exportações das empresas envolvidas.



Vale ressaltar que o problema não eram as operações, mas o comportamento fraudulento de empresas ligadas ao agronegócio brasileiro no caso das carnes, que veio a público e quando da notícia foram solicitados esclarecimentos dos fatos e a indicação dos lotes de produtos adulterados. Esse escândalo manchou a imagem do país, que é um dos maiores exportadores de carne do mundo. Segundo a Associação de Comércio Exterior do Brasil (2021), o setor agropecuário exportou US\$ 45,217 bilhões em 2020, respondendo por cerca de 21% do total exportado. Salomão (2018) relatou que as exportações caíram devido ao aumento da desconfiança internacional em relação à carne bovina brasileira.

Apesar de todas essas questões, ao analisar os dados do setor do agronegócio, percebe-se que ele tem conseguido manter um bom desempenho. Dados do MAPA mostram que a participação do agronegócio no PIB e nas exportações brasileiras permaneceu estável no período 2018-2021, com média de 20,7% e 43,7%, respectivamente. Segundo Santos et al. (2016), isso mostra o importante papel do agronegócio brasileiro no dinamismo econômico do país, que se confirma em diferentes ciclos ao longo dos anos. Os autores também destacam o papel do setor no comércio internacional do país entre 1998 e 2013. Nesse período, a exclusão das exportações agroindustriais tornaria a balança comercial brasileira majoritariamente deficitária (com exceção de 2005 e 2006).

A importância deste setor economicamente está confirmada pelo fato de que, mesmo nos anos em que fora afetado por crises internas em decorrência das operações da PF, conseguiu bons resultados. Conforme destacado por Gilio e Rennó (2018), o volume do PIB do agronegócio (calculado pelo CEPEA/CNA) aumentou 7,2%, enquanto o PIB brasileiro (medido pelo IBGE) cresceu apenas 1% em 2017. Esse crescimento ocorreu devido a produção recorde dentro da porteira, a importante recuperação agroindustrial e pelo consequente transbordamento desse crescimento para o setor de serviços. Já, o número de pessoas trabalhando no agronegócio caiu em 2020, porém a participação do setor no emprego total no Brasil foi de 20,1% em 2020.

Os dados acima mostram o papel que o agronegócio brasileiro desempenha em diversos setores da economia, após ter estimulado diversas pesquisas e debates econômicos, principalmente a partir de 2014, e mesmo no cenário de crise que o país atravessava, ganhou destaque pelos resultados obtidos. Diante do exposto, este artigo pretende contribuir com o debate ao tentar responder a seguinte questão: como o agronegócio (setor primário) gera valor agregado para outros setores da economia brasileira?

Responder a esta questão corresponde ao objetivo geral de: analisar como o agronegócio contribui economicamente para outros setores da economia brasileira. Para



cumprir esse propósito, o trabalho está dividido em três partes, sendo a primeira a introdução. A segunda parte apresenta a revisão da literatura e trata dos conceitos e aspectos teóricos relacionados ao tema. A terceira parte apresenta as considerações finais.

O Agronegócio brasileiro: características e desafios

As cadeias produtivas que integram os complexos agroindustriais do agronegócio brasileiro apresentam diferentes níveis de estruturação e organização. Segundo Stefanelo (2008), algumas são muito estruturadas e organizadas, como as relacionadas aos complexos agroindustriais do frango e suíno, da laranja e do setor sucroalcooleiro. Outras são menos estruturadas e organizadas, como as relacionadas à pecuária de corte e ao feijão.

A produção agropecuária é muito influenciada por fatores naturais, ou seja, depende consideravelmente da natureza, tanto no seu aspecto estrutural, quanto no seu aspecto conjuntural. Conseqüentemente, a produção de bens agropecuários está mais subordinada a riscos do que as atividades especificamente industriais. Tratando-se de demanda, esses bens agropecuários são caracterizados pela sua dupla baixa elasticidade: elasticidade-preço da demanda e elasticidade-renda da demanda. Isso significa que as diminuições de preço e aumentos da renda dos consumidores não se traduzem, normalmente, em aumento considerável do consumo desses bens. Para Ramos (2007), a sazonalidade é outra importante característica da produção agrária. Ou seja, o fluxo de recursos não é constante ao longo do ano.

Sobre a dependência entre natureza e sazonalidade e sua relação com a produção agrária, Buainan (2007) afirma que:

Essa dependência da natureza e sazonalidade se reflete em uma acentuada rigidez da produção agropecuária, seja para responder às mudanças nas condições do mercado seja para organizar seus fluxos de produção e financeiros de forma a reduzir a necessidade de capital de giro, melhor aproveitar as oportunidades ou proteger-se das flutuações dos mercados (BUAINAN 2007, p. 53).

O autor ainda enfatiza que, na agricultura, a necessidade de capital de giro é relativamente maior do que na indústria. Enquanto na indústria as receitas correntes podem ser usadas para cobrir as despesas correntes, na agricultura despesas e receitas ocorrem em momentos distintos: no decorrer de vários meses, o agricultor deve suprir as despesas com a terra, e só após a colheita obterá a receita resultante da venda de sua produção. Além disso,



enquanto a indústria pode se adaptar com certa facilidade às transformações no contexto de mercado, aumentando sua produção caso tenha capacidade inativa ou diminuindo produção corrente, a agricultura só poderá se adaptar na próxima safra.

Tem-se também o seguro agrícola, que se constitui como um dos mais importantes instrumentos de política agrícola, por permitir que o produtor se proteja contra perdas decorrentes, principalmente, de fenômenos climáticos adversos (Kelly, 2016), evitando oscilações bruscas em sua renda e controlando de modo eficaz suas perdas (OZAKI, 2007). O seguro agrícola cobre, basicamente, a vida da planta, desde a sua emergência até a colheita da lavoura (MAPA, 2016). Possui, ainda, algumas peculiaridades que o diferem dos demais ramos do seguro, sendo a principal delas a ocorrência cíclica dos eventos meteorológicos, que variam no decorrer dos anos. Kelly (2016) entende que, para a determinação correta do preço desse tipo de seguro e para a mensuração do risco, não bastam apenas conhecimentos estatísticos e atuariais, também há necessidade de pesquisas agronômicas.

De acordo com Brandão (2016), o emprego de novas tecnologias no agronegócio apresenta grandes dificuldades pela diversidade de etapas e de agentes compreendidos, torna-se necessário que as tecnologias estejam acessíveis e que existam pessoas motivadas a implementá-las. O estabelecimento de novas tecnologias exige, sempre, a realização de investimentos. Geralmente, esses investimentos possuem longo período de maturação, e a sua materialização só ocorrerá se o ambiente econômico for favorável.

Visão sistêmica do Agronegócio

Segundo Arieria et al., (2019), dentre as diversidades de aspectos voltadas ao agronegócio são apresentadas as cadeias de produção, de valores, produtivas e demais características que integram toda sistemática do agronegócio, demonstrando a complexidade e fatores que determinam o ciclo do agronegócio, sejam em sentido de planejamento à produção, na contratação de insumos, valor do custo de produção e retorno líquido financeiro ou o tipo da variação que será escolhida verificando características voltadas às condições climáticas, preço, custos operacionais e resultado na produtividade ou no mercado e logística.

É importante analisar os segmentos dos ciclos da produção agroindustrial com enfoque voltado unicamente à produção no contexto de todo o agronegócio, descrevendo os segmentos ocorridos antes da porteira, dentro da porteira e após porteira com visão sistêmica



demonstrando as vantagens desta ao agronegócio.

Abordando de forma ampla, os segmentos da produção antes da porteira são apresentados como os insumos essenciais à produção no agronegócio como recursos naturais e complementares: “sais minerais, energia, fertilizantes, hormônios, materiais genéticos, inoculantes, fertilizantes, corretivos de solo, agroquímicos e demais voltados a setores” (ARAÚJO, 2017, p. 24).

Segmento agrícola dentro da porteira engloba fornecedores e insumos que serão utilizados pelo tomador de decisão ao investir na lavoura ou área que será plantada dependendo do tipo de produto e qual a produção esperada por este. Para Batalha (2016) são considerados equipamentos, máquinas e implementos agrícolas de acordo com o tamanho da área de produção, condições do solo, e escolha da variedade de grãos que serão plantados, utilizando-se essencialmente de insumos voltados a adubação do solo, tecnologias a serem empregadas como a avaliação do solo, quantidade de uso de calcários e fertilizantes para cada área de forma específica, além de máquinas para o preparo e manutenção do solo, aplicação de agrotóxicos e utilização para a colheita, podendo ser adquirido pelo produtor ou contratado por terceiros.

Reis (2014) traz que há também os fornecedores, que são fundamentais pela intermediação entre aqueles que disponibilizam sementes, fertilizantes, agrotóxicos e demais insumos, ao produtor mediante contratos ou compra à vista para a realização do plantio, para a aquisição de máquinas e equipamentos, além da compra à vista, existem instituições financeiras que por meio de incentivos e políticas públicas possuem linha de crédito específica ao produtor rural.

Para Savoia (2017), os insumos como a água são considerados naturais e não precisamente como insumo agrícola, porém, podendo ser utilizado com maior investimento em recursos de irrigação para alguns estados, acarretando em custo a produção. A energia por outro lado, é considerada advinda de formas variadas para sua geração e considerada aquelas que se utilizam de fontes renováveis, hidráulica, dentre outras, possuem margem de custo maior a produção, sendo que a energia solar é essencial a secagem dos produtos, porém podem desidratá-los e são advindos de equipamentos considerados pequenos como bombas e baterias.

Para Gazzoni (2017), o uso de fertilizantes, calcários e gesso agrícola se destinam a manutenção e correção do solo, sendo possível a sua aplicação por meio da análise do solo que identifica a existência de deficiências do solo, podendo ser corrigida com aplicação direta ao solo ou quando feita análise foliar identificando a deficiência de nutrientes no período de



condução da lavoura pode ser feita a aplicação de adubos ou fertilizantes nitrogenados de forma direta na pulverização em folhas como também irrigação ou gotejamento.

É essencial o uso de defensivos inseticidas, herbicidas e fungicidas, com o propósito de controlar pragas, plantas invasoras e fungos, que interferem o desenvolvimento das plantas cultivadas.

Para o cultivo de grãos, existem tipos de sementes variadas, direcionando aqui, apenas as sementes varietais puras e as sementes transgênicas. Segundo Neto et al (2013), as sementes puras são identificadas por apenas estas produzirem “filhas” que carregam a carga igual às de suas mães e as sementes transgênicas são aquelas cujo sua origem é dada em laboratório separando os genes desejáveis e deslocando os com defeitos, tornando-se com maior resistência aos produtos agroquímicos e com maior resistência a pragas e doenças.

No segmento entendido como dentro da porteira, refere-se às limitações do estabelecimento em si por sua área produtiva ou limites onde se produzem os produtos para determinado ciclo ao qual podem ser agrícolas ou agropecuárias, sendo mencionada aqui apenas a primeira. “A produção agrícola compreende o conjunto de atividades desenvolvidas no campo, necessária ao preparo do solo, tratos culturais, colheita, transporte e armazenagem internos, administração e gestão dentro das unidades produtivas” (ARAÚJO, 2017, p. 40).

Nesta perspectiva, Ramalho (2015) entende que o agronegócio voltado ao ciclo agrícola abrange a junção de atividades diversas que possuem a finalidade essencial de conduzir a cultura a ser produzido desde a manutenção do solo com a aplicação de adubos e fertilizantes, o plantio, a aplicação de inseticidas, a gestão administrativa de custos, mão de obra, a colheita, o transporte e armazenagem do tipo de cultura, sendo gestor de tais atividades voltadas à gestão dentro da porteira.

Fusco; Buosi; Rubiato (2018) destacam que um fator importante a ser considerado no segmento agrícola dentro da porteira, é o investimento em tecnologias que possibilitam a visão com maior eficiência seja por meio de investimento em métodos tecnológicos ou pelo aperfeiçoamento em setores que estão interligados desde ao adquirir um insumo, seu processamento, gestão, armazenagem e distribuição deste.

Para Reis (2014), o segmento apresentado como depois da porteira ou fora dos portões das fazendas têm direcionamento ao ciclo de industrialização e transformação de bens manufaturados, onde influencia na demanda, diminuição do preço do produto “in natura” direcionando de forma específica, competitiva, aprimorando a qualidade para atender o consumidor final.



Redin (2017) infere que a contribuição essencial se dá em maior incidência nesta fase, onde são distribuídos os produtos manufaturados em conjuntos com o produto “*in natura*” como é o caso de embalagens a granel não sendo industrializados, mas embalados, considerando que o aumento de participação nos resultados do PIB ocorre nesta fase se comparadas às anteriores.

Mesmo entendimento de Zylbersztajn (2016), que ressalta que a agroindústria agrega valor ao produto final.

No agronegócio, a agroindústria é a unidade produtora integrante dos segmentos localizados nos níveis de suprimento à produção, transformação e acondicionamento, e que processa o produto agrícola, em primeira ou segunda transformação, para sua utilização intermediária ou final (ZYLBERSZTAJN, 2016, p. 247).

No agronegócio, por meio da visão sistêmica é possível verificar vantagens que contribuem com a delimitação e estratégia do funcionamento das atividades agrícolas, com a possibilidade de aplicação imediata de estratégias de cooperativas, observação de tendências de forma segura e reconhecimento da importância do agronegócio pela sua representação econômica que atingem outros setores da economia brasileira.

Em razão da cadeia produtiva do agronegócio envolver muitos processos, o autor Araújo (2007) salienta que:

Há necessidade de um conceito mais amplo, que englobe todos os segmentos até o produto chegar ao consumidor e que inclua as agregações de valores, as fases de comercialização, a distribuição, etc. Daí surgiu, a ideia de cadeia de valor, como sendo um conceito mais abrangente, que inclua esses segmentos (ARAÚJO, 2007, p. 23).

E, quando se fala em vários processos envolvidos, como é o caso do agronegócio, pode-se citar o estudo de escopo de segmento, que trata da variedade de produtos que são produzidos, e por consequência, envolvem a participação de muitos na cadeia de valor.

A importância do Agronegócio para a economia brasileira

De acordo com Rodrigues (2006), o agronegócio brasileiro apresenta êxito, pois superou vários obstáculos em sua história de desenvolvimento. Alguns com características externas ao setor, como as alterações macroeconômicas motivadas pela inflação e por problemas cambiais. Outros, específicos da atividade, como o aperfeiçoamento da tecnologia



tropical, o reconhecimento de áreas adequadas ao plantio de grãos no cerrado e o incentivo de empreendedores do Sul do País, vários deles pequenos produtores, que se estabelecerem nas novas fronteiras agrícolas. Com o auxílio do governo federal, o setor expandiu os investimentos no campo, expandiu a produção, gerou emprego e renda, proporcionou o desenvolvimento do interior e incentivou as exportações.

Graças ao agronegócio, as cidades do interior brasileiro estão melhorando a qualidade de vida e a população voltou a valorizar os campos e o meio rural. Ele vem se modificando na escola de negócios internacionais, estabelecendo novos mercados e novos contatos para as outras empresas brasileiras, até mesmo de outros segmentos (BANCO DO BRASIL - Diretoria De Agronegócio, 2004).

O agronegócio, atualmente, se manifesta como uma das esferas fundamentais da economia brasileira, tanto em termos de produção de renda e emprego quanto do auxílio para o desempenho da balança comercial do país. São inquestionáveis as mudanças ocorridas no setor rural nos últimos trinta anos. Júnior; Oliveira; Santos (2012) acrescentam que a expansão do agronegócio brasileiro, com constantes quebras de recordes de produção, produtividade e de exportações, representa o grande apoio do governo brasileiro na política de controle da inflação e para a geração de saldos significativos na balança comercial.

Nos últimos 3 anos, mesmo com o aumento da produção e produtividade do agronegócio, não foi possível conter a alta de preços do mercado interno, por conta da pandemia e aumento nas exportações. Ocorreu o aumento nas exportações e redução da oferta no mercado interno, conseqüentemente preços mais elevados para o consumidor.

Tabela 1: Tabela de variações de preços dos produtos agrícolas nos últimos 3 anos.

Preço	Jun./19	Jun./22	Varição em 3 anos, em %
Leite pasteurizado	3,25	5,16	58,77
Leite Caixa longa vida	2,97	5,34	79,80
Carne Bovina - Acém	17,92	35,85	100,06
Carne Bovina - Alcatra	29,06	54,94	89,06
Carne Bovina - Contrafilé	29,65	55,64	87,66
Carne Bovina - Patinho	24,52	47,77	94,82
Bisteca suína	12,62	19,13	51,58
Frango Inteiro	6,33	11,30	78,52
Ovos	6,26	9,93	58,63
Feijão	5,39	9,99	85,34
Laranja Pera	2,66	4,15	56,02
Arroz Tipo 1	3,61	5,79	60,39
Farinha de Trigo	3,38	5,66	67,46
Fubá	3,82	5,48	43,46



Açúcar	2,03	4,21	107,39
Óleo de soja	3,23	9,98	208,98
Café	8,58	18,86	119,81
Farinha de Mandioca	6,77	9,32	37,67

Fonte: Nupes Unitau.

Não há dúvida que a dependência externa de insumos aumentou os custos de produção, mesmo assim com as exportações aquecidas o agronegócio continuou com uma boa lucratividade, mas aumentou a fome no país com a redução da renda dos brasileiros e aumento nos preços dos alimentos.

Para Araújo (2007), o agronegócio brasileiro apresenta as seguintes contribuições:

Nas relações internacionais, o agronegócio brasileiro deu, desde o ano de 1500, forte contribuição para a economia do país, marcando épocas de ciclos econômicos, como: pau-brasil, açúcar, café, borracha, cacau, algodão, fumo, soja, frutas e derivados, carnes, couros, calçados e outros. Essa contribuição foi mais relevante ainda nos últimos anos, quando o Brasil abriu as portas às importações e não teve a mesma resposta às exportações de modo geral. Porém, o agronegócio, sobretudo a produção agropecuária, tem respondido muito bem às expectativas e vem servindo como âncora para todos os programas econômicos do país e salvando a balança comercial brasileira (ARAÚJO, 2007, p.29).

O agronegócio brasileiro engloba atividades relacionadas, principalmente, a insumos para a agricultura, como fertilizantes, defensivos e corretivos a produção agrícola, abrangendo lavouras, pecuária, florestas e extrativismo, o agro industrialização dos produtos primários, transporte e comercialização de produtos primários e processados. Mapa (2011 *apud* PACHECO et al., 2012).

A maior evidência disso é a alta taxa de expansão da produtividade agropecuária e agroindustrial brasileira, o desenvolvimento das exportações, o amplo abastecimento do mercado interno, o potencial significativo da competitividade com sustentabilidade nas dimensões econômicas, sociais e ambientais.

Filho (2014) afirma que um dos desafios do agronegócio brasileiro seria o estabelecimento de sistemas de produção sustentáveis em face da expectativa global:

Um dos grandes desafios impostos ao agronegócio nacional é a consolidação de sistemas de produção sustentáveis diante da expectativa global, pois o setor é considerado o celeiro do mundo devido à disponibilidade de terras, ao clima propício à produção agropecuária e ao desenvolvimento tecnológico. Somado a isso, o agronegócio tem ainda como desafio conciliar as melhores técnicas de modo a minimizar os impactos ambientais e sociais, aumentando



a produtividade e ainda promovendo o resgate do valor que o setor possui no Brasil, desde as comunidades vizinhas até mercados importadores (FILHO, 2014, p.71).

De acordo com Guanzoli (2006, *apud* AMARAL; SOUZA; WANDER, 2013) o agronegócio brasileiro se mostra um dos setores fundamentais da economia, tanto na produção de renda e emprego quanto nos efeitos positivos evidenciados na balança comercial do país. No 3º trimestre de 2021, 18.900.680 pessoas trabalhava no ramo do agronegócio, no 3º trimestre de 2022, 19.071.482 trabalham no ramo do agronegócio (CEPEA, 2022), tendo um crescimento significativo. É uma prática responsável por um terço do PIB brasileiro. Em quase dez anos, o crescimento da disputa entre a pecuária e a agricultura no Brasil, juntamente aos empenhos tanto por parte do governo quanto da iniciativa privada para a difusão do produto agrícola brasileiro no exterior, proporcionaram crescimentos contínuos das exportações do agronegócio.

Essa evolução na competitividade é também atribuída aos estágios alcançados pelos níveis tecnológicos nas duas últimas décadas, sobretudo pelos produtores rurais. Com isso, atualmente o Brasil pode dobrar a produção de grãos em comparação à década de 80 com o mesmo espaço plantado. Esse progresso só se torna possível graças ao aperfeiçoamento tecnológicos, principalmente com o avanço em pesquisa no melhoramento de variedades de sementes com adaptação edafoclimáticas, resistências e menor suscetibilidade, dimensionamento no uso de adubos e agrotóxicos, e efetivação da produção com o uso de máquinas com maior potencial tecnológico.

O agronegócio brasileiro desempenha importante função no desenvolvimento econômico ampliado, pois os resultados de transbordamento não se restringem ao próprio mercado de produção de alimentos, mas compreendem outros agentes e processos, desde a aquisição de insumos até o ordenamento final do produto. Pode-se afirmar que o fomento do agronegócio se liga a diversos aspectos (econômicos, social e ambiental) do desenvolvimento sustentável.

É indiscutível que o setor favorece a situação econômica e social do país, mas encara importantes desafios sobre a oposição entre o aumento da produção e a diminuição dos impactos ambientais. Nessa perspectiva, os desenvolvimentos tecnológicos têm sido aliados, mesmo longe do nível tecnológico dos países desenvolvidos, a produção do setor tem se expandido rapidamente, principalmente nos últimos anos.

PIB do Agronegócio



Notório que, o processo de integração da economia observado sob o aspecto econômico, constitui um importante motivador do comércio internacional, conforme explica Nagles Garcia (2007), a interação entre os países é o que impulsiona a economia, exportações e importações, neste sentido a balança comercial que é a diferença entre as exportações e as importações de um país em um dado período. O PIB é um importante indicador para a análise econômica e serve de parâmetro de comparação entre diferentes nações, e que possibilita conhecer o grau de desenvolvimento do comércio de um determinado país.

Ribeiro (2016) reforça que a balança comercial de um país tem relação direta com seu Produto Interno Bruto (PIB). À medida que aumenta a produção e exportação de um país o seu PIB acompanha esse crescimento e quando as exportações passam por declínio ocorre queda no Produto Interno Bruto do país.

O produto interno de uma economia representa o valor, a preços de mercado, dos bens e serviços realizados num país em certo período, normalmente, um ano. Esse produto leva em consideração apenas os bens e serviços finais produzidos e realizados pelas empresas no ambiente interno do país. Para Assaf Neto (2014), no cálculo do PIB de um país soma-se a produção de bens tangíveis, que compreendem desde veículos e máquinas até vestuário e alimentos e também os intangíveis, que englobam serviços de educação, saúde e domésticos.

Ou seja, o PIB ou Produto Interno Bruto é a soma de todas as riquezas produzidas em um dado período de tempo, podendo ser calculada pela óptica da renda ou do volume, o PIB-renda reflete a renda real do setor, sendo consideradas no cálculo variações de volume e de preços reais, sendo estes deflacionados pelo deflator implícito do PIB nacional, o PIB-volume é o calculado pelo critério de preços constantes. Resulta daí a variação apenas do volume de produção (CEPEA, 2020).

Nascimento, Figueiredo e Miranda (2018) afirmam que o PIB é um dos mais importantes indicadores de como a economia de um país, estado ou cidade está se comportando economicamente, ele representa a soma de tudo que foi produzido de bens e serviços finais de determinada região, em valores monetários.

Segundo CEPEA (2022) em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), calcularam que o PIB do agronegócio brasileiro alcançou recordes nas duas últimas safras (2020 – 2021) sendo considerada uma das melhores da história do agronegócio nacional. Já em 2022, o PIB do setor iniciou o ano com decréscimo, de 0,8% no primeiro



trimestre. Porém no primeiro trimestre de 2022, o PIB deste setor diminuiu 0,8% em relação ao mesmo período do ano anterior destacando que tanto o setor agropecuário (-0,75%) quanto a pecuária (-0,96%) registraram quedas, em grande parte relacionadas a fortes aumentos no custo de insumos.

Em termos de agricultura dentro da porteira, a queda do PIB de (-4,22) no primeiro trimestre de 2022 ocorreu pelo forte aumento do custo de fertilizantes, pesticidas, combustíveis, sementes, etc. A única razão para a modesta queda é que também se estima um aumento na renda agrícola para o ano, principalmente, da cultura do milho e do café, bem como preços reais mais altos das commodities agrícolas, especialmente café, madeira, tomate, mandioca, cana de açúcar e algodão.

Na pecuária, o PIB cresceu 1,18 % no trimestre, devido à expectativa de um leve aumento nas receitas anuais, e os custos apresentar leve queda em relação ao primeiro trimestre de 2021, devido ao patamar significativamente alto alcançado durante este período. A estagnação da renda da pecuária é resultado de movimentos divergentes entre as atividades que as compõem: os preços do boi gordo, das aves de corte, dos ovos e do leite subiram na comparação trimestral, mas os da carne suína caíram fortemente. Já a produção de bovinos e aves aumentou, mas a de leite, ovos e suínos diminuiu (CEPEA, 2022).

A redução do crescimento do setor está diretamente ligada a queda no consumo com a piora na renda dos brasileiros em comparação ao aumento nos preços dos produtos agropecuários. Como apontado na pesquisa feita pela UNITAU (Tabela 1).

O PIB do setor agroindustrial do agronegócio também teve uma redução de forma modesta de 0,43% no primeiro trimestre de 2022. Assim quão internamente da porteira, o declive do PIB reproduziu os altos custos industriais que foram maiores que os avanços previstos para o faturamento. Além dos preços elevados das matérias-primas para a agropecuária, também subiram elementos essenciais como energia e infraestrutura logística, que devido à atual diminuição na demanda, impossibilita o repasse desses custos aos preços ao consumidor.

Não poderia ser diferente nos agrosserviços, que apresentaram um recuo de 1,51% no PIB, como consequência do resultado nos processos de todos segmentos que envolvem o setor. Diante do comportamento do PIB brasileiro nesse período, a participação do setor do agronegócio na economia foi estimada em cerca de 26,24% em 2022, ligeiramente inferior aos 27,6% em 2021.

Portanto, segundo Barbosa Filho (2017) diversos fatores impactam diretamente no desempenho dos setores econômicos, fatores externos e internos, crises políticas, oscilações



no volume de demanda e oferta, decisões políticas tais como política monetária, abertura de mercado ou criação de barreiras comerciais.

Considerações Finais

Com base na pesquisa realizada, bibliográfica e documental, o presente trabalho confirmou o potencial do Brasil no agronegócio, isso devido a vários pontos positivos que o país apresenta como condições edafoclimáticas, solos férteis, extensão de terras ainda inexploradas e tecnologia aliada a alta produtividade.

Como pode ser observado pelos pontos discutidos, o aumento da balança comercial do Brasil se deve principalmente ao crescimento do agronegócio brasileiro. O Brasil, hoje, é um dos principais mentores na produção e exportação de produtos agrícolas e tem potencial para se tornar o maior exportador de produtos agrícolas do mundo.

O setor do agronegócio responde por cerca de 26% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro no ano de 2021, o que significa a soma de todas as riquezas produzidas no país. Estudos apontam a relevância da agricultura para a economia brasileira e a sua capacidade influi positivamente nos vários segmentos da economia, partindo da oferta de empregos (antes, durante e depois da colheita) que engloba o setor primário (produto in natura), setor secundário (agroindústria) e setor terciário (turismo, serviços públicos, hospitais, restaurantes, escolas, etc.), contribuindo para o PIB brasileiro, um bom crescimento e desenvolvimento econômico e, até mesmo nas exportações, que de forma substancial colaboram para fechar a Balança Comercial, ou seja, as exportações serem maiores que as importações.

Em junho de 2022, o agronegócio apresentou um superávit comercial de US\$ 14,2 bilhões, o que permitiu ao país fechar junho com superávit comercial de US\$ 8,8 bilhões (na soma de todos os setores), mais do que compensando o déficit de US\$ 5,4 bilhões nos demais produtos (CEPEA, 2022).

A agricultura a cada dia mais inovadora e tecnológica, permite uma produção de alta qualidade e, conseqüentemente, alta produtividade, permitindo assim, disponibilizar alimentos em maiores quantidades para os mercados tanto interno como externo.

Portanto, evidente a importância do agronegócio à economia brasileira. Com os resultados, foi possível inferir que o agronegócio tem apresentado um desempenho positivo que reflete diretamente no crescimento econômico do país e representa uma expressiva parcela de participação na formação do Produto Interno Bruto do Brasil. Novos estudos neste tema podem ser realizados a partir do estudo dos impactos, fatores internos e externos, assim



como as políticas públicas nacionais e internacionais, visto que o resultado deste estudo indica que o desempenho econômico do setor agropecuário influencia os outros setores da economia brasileira.

Referências

- AMARAL, F. B.; SOUZA, K. R.; WANDER, A. E. **Importância socioeconômica do agronegócio goiano no cenário nacional**: Conjuntura econômica Goiana. n. 26. p. 35-41, set. 2013.
- ARAÚJO, M. J. **Fundamentos de Agronegócios**. 2ª Ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- ARAÚJO, M. J. **Fundamentos de Agronegócio**. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- ARIEIRA, J. A.; DIAS-ARIEIRA, C. R.; FUSCO, J. P. A.; SACOMANO, J. B. **Cadeia de produção do amido de mandioca (*Manihot sculenta*)**: um estudo dos relacionamentos e da coordenação da C-Vale Terra Roxa. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, XXIX, 2009, Salvador. Anais. Salvador: ABEBRO, 2019.
- ASSAF NETO, A. **Finanças corporativas e valor**. 7ª Ed. São Paulo: Atlas, 2014.
- ASSOCIAÇÃO DO COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL. **Revisão da Balança Comercial para 2021**. 2021. Disponível em: <https://www.aeb.org.br/analises-de-comercioexterno/2021/07/revisao-da-balanca-comercial-para-2021/>. Acesso em: 21 dez. 2022.
- BARBOSA FILHO, F. H. **A crise econômica de 2014/2017**. Estud. av., São Paulo, v. 31, n. 89, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142017000100051. Acesso em: 09 set. 2022.
- BATALHA, M. O. **Gestão agroindustrial**. 2ª Ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- BATALHA, M. O. **Gestão agroindustrial**. 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 2016.
- BERNARDES, F. **Em 2017, prejuízo com Carne Fraca foi de US\$ 2,74 bilhões, o que esperar agora?** 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/agronegocio/mercado/em-2017-prejuizo-com-carne-fracafoi-de-us-274-bilhoes-o-que-esperar- agora-4vz0kebkx0nef5cdo51r2wl1t/>. Acesso em: 23 ago. 2022.
- BRANDÃO, A. S. P. **Conquistas e desafios do agronegócio brasileiro**. Revista de Política Agrícola. n. 1. p. 117-118, 2016.
- BUAINAN, A. M. **Modelos e principais instrumentos de regulação setorial**: uma nota didática. In: RAMOS, P. Dimensões do agronegócio brasileiro: políticas, instituições e perspectivas. Brasília: Nead Estudos, 2007.



CASTRO, A. G. **Análise da competitividade de cadeias produtivas.** Workshop cadeias produtivas na Amazônia, 2000.

CEPEA, Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. **PIB do Agronegócio Brasileiro.** 2020. Disponível em: [http://www.cepea.esalq.usp.br/upload/kceditor/files/Planilha_PIB_Cepea_Portugues_Site_at_ualizada\(2\).xlsx](http://www.cepea.esalq.usp.br/upload/kceditor/files/Planilha_PIB_Cepea_Portugues_Site_at_ualizada(2).xlsx). Acesso em: 29 ago. 2022.

CEPEA, Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. **PIB do Agronegócio Brasileiro.** 2022. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/pib-do-agronegocio-brasileiro.aspx#:~:text=Por%20fim%2C%20o%20PIB%20dos.%2C6%25%20registrados%20em%202021>. Acesso em: 15 set. 2022.

CEPEA, Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. **Série histórica do Mercado de Trabalho do agronegócio brasileiro.** 2022. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/mercado-de-trabalho-do-agronegocio.aspx>. Acesso em: 21 dez. 2022.

CURY, A.; LAPORTA, T. **Agronegócio sente crise e perde empregos, produção e receita.** 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/agronegociosente-crise-e-perde-empregos-producao-e-receita.ghtml>. Acesso em: 23 ago. 2022.

FILHO, J. E. R. V. **Transformação histórica e padrões tecnológicos da agricultura brasileira.** In: BUAINAN, A. M. O mundo rural no Brasil do século 21: A formação de um novo padrão agrário e agrícola. Brasília: Embrapa, 2014.

FUSCO, J. P. A.; BUOSI, G. R. C.; RUBIATO, R. C. **Modelo de redes simultâneas para avaliação competitiva de redes de empresas.** Gest. Prod., v. 12, n. 2, p. 151-163, 2018.

GAZZONI, D. L. **A sustentabilidade da soja no contexto do agronegócio brasileiro e mundial.** Londrina: Embrapa Soja, 2017.

GILIO, L.; RENNÓ, N. **O crescimento do Agronegócio realmente tem se refletido em maior renda para agentes do setor?** 2018. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/opiniao-cepea/o-crescimento-do-agronegocio-realmente-tem-se-refletido-em-maior-renda-para-agentes-do-setor.aspx>. Acesso em: 23 ago. 2022.

JÚNIOR, W. A. A.; OLIVEIRA, E. A. A. Q.; SANTOS, M. J. **A importância do agronegócio como propulsor do crescimento econômico de Rio Verde/Go.** Web Artigos, 2012. Disponível em: www.unitau.br/unindu/artigos/pdf416.pdf. Acesso em: 25 ago. 2022.

KELLY, B. **Seguro rural.** 12ª Ed. Rio de Janeiro, Funenseg. 2016.

MAPA. **Guia de Seguro Rural e Proagro.** 2016. Disponível em: http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/Seguro%20Rural/Cartilha%20Seguro%20Rural/PROAGRO.pdf. Acesso em: 21 dez. 2022.

NAGLES GARCIA, N. **La gestión del conocimiento como fuente de innovación.** Revista Escuela de Administración de Negocios, Bogotá, n. 61, p. 77-87, set./dez. 2007.



NASCIMENTO, A. P. P.; FIGUEIREDO, A. M. R.; MIRANDA, P. R. **Dimensão do PIB do agronegócio na economia de Mato Grosso.** Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 903-930, 2018.

NETO, J. S. B.; ALMEIDA, F. A. C.; QUEIROGA, V. P.; GONÇALVES, C. C. **SEMENTES ESTUDOS TECNOLÓGICOS.** Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Sergipe -IFS, 2014.

OZAKI, V. A. **O papel do seguro na gestão do risco agrícola e os empecilhos para o seu desenvolvimento.** Revista Brasileira de Risco e Seguro, 2007.

PACHECO, A. M.; SANTOS, I. R. C.; HAMZÉ, A. L.; MARIANO, R. S. C.; SILVA, T. F.; ZAPPA, V. **A importância do agronegócio para o Brasil:** Revisão de Literatura. Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária. n. 19., jul. 2012.

RAMALHO, J. R. **Novas conjunturas industriais e participação local em estratégias de desenvolvimento.** Dados. Rio de Janeiro, v. 48, n. 3, p. 491-523, set. 2015.

RAMOS, P. **Referencial teórico e analítico sobre a agropecuária brasileira.** In: RAMOS, P. Dimensões do agronegócio brasileiro: políticas, instituições e perspectivas. Brasília: Nead Estudos, 2007.

REDIN, E. **Dentro e fora da porteira:** os elementos condicionantes na estratégia de reprodução dos agricultores familiares fumageiros. Revista Extensão Rural, DEAER/PPGExR-CCR-UFSM, Ano XVIII, nº 22, Jul-Dez de 2017.

REIS, D. R. **Gestão da inovação tecnológica.** Barueri/SP: Mamole, 2014.

RIBEIRO, A. **Balança comercial.** 2016. Disponível em:
<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/balanca-comercial.htm>. Acesso em: 27 ago. 2022.

RODRIGUES, R. **O agronegócio brasileiro é um caso de sucesso.** Revista da Política Agrícola. Ano XV – Nº 1 – Jan./Fev./Mar. 2006.

SALOMÃO, K. **Entenda o que é a Operação Carne Fraca e os impactos para a BRF.** 2018. Disponível em:
<https://exame.com/negocios/entenda-o-que-e-a-operacao-carne-frac-a-eos-impactos-para-a-brf/>. Acesso em: 21 dez. 2022.

SANTOS, L. P.; AVELAR, J. M. B.; SHIKIDA, P. F. A.; CARVALHO, M. A. **Agronegócio brasileiro no comércio internacional.** Revista de Ciências Agrárias, 2016.

SAVOIA, J. R. F. **Agronegócio no Brasil:** uma perspectiva financeira. 1ª Ed. São Paulo: Saint Paul, 2017.

STEFANELO, E.; **O agronegócio mundial e brasileiro.** Vitrine da Conjuntura. UNIFAE, Curitiba, v.1, n.1, mar. 2008.

2023

XI Seminário Internacional sobre

Desenvolvimento regional

Desenvolvimento Regional
em tempos de emergência
climática: desafios e
oportunidades



Local: Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil
Dias 13, 14 e 15 de setembro de 2023
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
Universidade de Santa Cruz do Sul



ZYLBERSZTAJN, D. **Conceitos gerais, evolução e apresentação do sistema agroindustrial.** In. Gestão dos negócios agroalimentares: Indústria de alimentos, indústria de insumo, produção agropecuária. Décio Zylbersztajn e Marcos Fava Neto. São Paulo: Pioneira, 2016.